



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO **153**  
ABRIL 2014



**Prémio Vilalva para  
Museu do Caramulo**



Museu do Caramulo, imagem atual.

4

### **Prémio Vilalva para Museu do Caramulo**

A requalificação do Museu do Caramulo é o projeto vencedor do Prémio Vasco Vilalva para a recuperação e valorização do património, no valor de 50 mil euros. A celebrar 60 anos de existência, o Museu vê reconhecido o trabalho de modernização das suas salas de exposição e de atualização do discurso museográfico, num projeto da arquiteta Teresa Nunes da Ponte.

7/8

### **Novos concursos Cidadania Ativa**

Empregabilidade e Inclusão dos Jovens é a nova área de atuação do Programa Cidadania Ativa, que atribuirá cerca de 2,9 milhões de euros, através de concurso, a projetos com este objetivo. O Programa, financiado pelos EEA Grants e gerido pela Fundação Gulbenkian, atribuirá ainda outros apoios a projetos de organizações não governamentais portuguesas noutras áreas. Exemplo do financiamento obtido através do Cidadania Ativa é o **Laboratório para a Igualdade através do Teatro-Fórum**, que damos a conhecer nesta edição.



© Márcia Lessa

11

### **Um laboratório para o investimento social**

Como criar uma estratégia para o investimento social? Como tornar os investimentos sociais lucrativos para os investidores e para o Estado? **Bernard Horn**, responsável máximo do Social Finance UK, mostrou no Reino Unido que isso é possível. Na sua passagem pela Fundação Gulbenkian, para apoiar a criação do Laboratório de Investimento Social, deixou indicações claras sobre o caminho a seguir.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 153.ABRIL.2014 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Afonso Cabral | Ana Mena | Inês Ribeirinho | **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | **DDLX** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Museu do Caramulo, salas de arte contemporânea, arte europeia e portuguesa, sec. XIX e XX, e artes decorativas. Projeto de remodelação. | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Horácio Novais, 25 de Abril de 1974 © Biblioteca de Arte

14

## Reflexões sobre o 25 de abril

Um inquérito nacional sobre o que pensam os portugueses do 25 de Abril é um dos pontos altos da conferência **O 25 de Abril 40 anos depois**, numa organização do Instituto de Ciências Sociais, *Expresso*, SIC Notícias e Fundação Gulbenkian.

No dia 14, muitos serão os oradores ao longo do dia, com destaque para Felipe Gonzalez e para o debate que encerra a conferência e junta à mesma mesa Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio, com moderação de Francisco Pinto Balsemão.



The Honourable Justice Julia Sakardie-Mensah | Série "Judges Botswana", 2005 © Pieter Hugo, Courtesy/Cortesia Stevenson Gallery

27

## Fotografias de Pieter Hugo

Até dia 1 de junho, a Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian mostra mais de uma centena de fotografias do sul-africano Pieter Hugo. A retrospectiva *Este é o Lugar/This Must Be the Place* já passou por várias cidades europeias e é a prova da qualidade artística de um dos mais conceituados fotógrafos da atualidade. A exposição foi originalmente apresentada no Museu de Fotografia de Haia e é organizada pelo Programa Gulbenkian Próximo Futuro.

30

## Música para despertar a consciência

A música do místico arménio George Ivanovich Gurdjieff e a recuperação da ópera *Elena* há muito esquecida, de Francesco Cavalli, marcam este mês na Gulbenkian Música. The Gurdjieff Folk Instruments Ensemble apresentará, no dia 23, às 21h, algumas das obras deixadas pelo mestre, num concerto integrado no ciclo Músicas do Mundo. Saudada pela crítica como uma preciosa obra-prima na sua estreia moderna, a ópera de Cavalli será dirigida pelo maestro Leonardo Garcia Alarcón, no dia 29, no Grande Auditório.

## índice

### primeiro plano

4 **Prémio Vilalva para Museu do Caramulo**

### notícias

7 **Programa Cidadania Ativa**

8 **Laboratório da vida real**

11 **Um laboratório para o Investimento Social**

14 **O 25 de Abril 40 anos depois**

16 **Muros de liberdade**

17 **Fórum Portugal-Alemanha em Berlim**

18 **Um novo pacto para a Europa**

19 **Investigador sul-coreano ganha Prémio Fernando Gil 2013**

19 **Orçamento de Estado Execução e controlo**

20 **Honoris Causa para António Coutinho**

20 **Fact Finders no IGC**

21 **A diversidade escondida das bactérias intestinais**

21 **Cientistas top no IGC**

22 **O futuro das relações Europa-África**

22 **Ensino à distância em Moçambique**

23 **breves**

### bolseiros gulbenkian

24 **João Pedro Caldeano**

### em abril

### exposições

27 **Pieter Hugo: um fotógrafo na estrada**

28 **Tesouros do Kremlin em Lisboa**

### conferências

29 **Novos poderes**

### música

30 **Música para despertar a consciência**

31 **Elena: o regresso de uma ópera esquecida**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

### Uma obra

34 **Coleção Sebastião Rodrigues**



Museu do Caramulo. Salas de pintura europeia sec. XVI a XVIII e arte sacra. Projeto de remodelação.

# Prémio Vilalva distingue renovação do Museu do Caramulo

O projeto de requalificação do **Museu do Caramulo** é o vencedor da sétima edição do Prémio Vilalva, uma iniciativa da Fundação Gulbenkian que destaca anualmente um contributo importante no domínio da recuperação do património.

A distinção surge numa altura em que o Museu comemora 60 anos de existência e se propõe valorizar as mais de 500 obras que compõem o seu acervo, através de um projeto de modernização das salas de exposição e de atualização do discurso museográfico.

O júri, constituído por António Lamas, José Sarmiento de Matos, José Pedro Martins Barata, Dalila Rodrigues e Rui Esgaio, destacou a “relevância e oportunidade do projeto”, a “qualidade da intervenção proposta”, bem como o “criterioso

respeito pelo edifício e museografias originais”, assinalando ainda o papel essencial que este Museu vem desempenhando enquanto “pólo dinamizador da vida cultural da região”.

## UMA COLEÇÃO INVULGAR

Iniciada em 1953 por Abel de Lacerda, e totalmente constituída por doações, a coleção do Museu do Caramulo é um caso absolutamente único no contexto museológico português, resultando de um invulgar gesto filantrópico coletivo, ímpar em Portugal e raríssimo no mundo.

A determinação e capacidade de persuasão do fundador permitiu-lhe reunir obras de arqueologia, escultura, pintura, desenho, gravura, mobiliário, cerâmica, tapeçaria, têx-

teis, ourivesaria, joalheria, vidros e esmaltes, desde o Antigo Egito, doadas por colecionadores, mecenas, artistas, amigos e ainda por algumas empresas. Ficaram célebres as visitas que realizou aos ateliês de Salvador Dalí, Pablo Picasso e Fernand Léger, de onde saiu com obras oferecidas por estes artistas para a coleção.

### **A MONTANHA MÁGICA**

Para albergar as obras de arte que foi reunindo, Abel de Lacerda decidiu construir um museu de raiz em plena serra do Caramulo, célebre pelos seus “bons ares” e onde o seu pai, o médico Jerónimo de Lacerda, tinha feito nascer uma das mais importantes estâncias de sanatório da Europa. Era uma espécie de “montanha mágica” nacional, totalmente vanguardista para a época, inspirada no modelo suíço; servida por saneamento básico e por uma rede elétrica autónoma, esta estância dispôs também da primeira rede automática de telefones do país, para além de uma central de vapor para aquecimento, uma estação de rádio e salas de cinemas.

Projetado pelo arquiteto Alberto Cruz, o museu começou a ser construído em 1955, numa altura em que a descoberta da penicilina tinha tornado estas estâncias pouco mais do que locais de turismo e repouso, destituídas da sua principal função de assistência aos doentes com tuberculose. A localização do museu neste local serviria para dinamizar uma zona em declínio, apostando num turismo cultural situado num belíssimo cenário de montanha.

Dois anos após o início das obras, em 1957, Abel de Lacerda morre num trágico acidente de viação, aos 36 anos, tendo o projeto sido concluído pelo seu irmão João, que apesar de viajar nesse dia com Abel, sobreviveu ao acidente.

Um par de anos depois, o Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, com estatuto de utilidade pública, foi oficialmente inaugurado.

### **UM EDIFÍCIO EXEMPLAR**

Construído segundo os princípios da arquitetura do Estado Novo, a configuração de salas interiores, sem luz natural, a construção de um pavimento radiante capaz de distribuir o calor de um modo uniforme e a forma de revestimento das paredes fizeram deste museu um dos melhores exemplos nacionais do ponto de vista da conservação preventiva.

A exposição das peças organizou-se por ordem cronológica, obedecendo a uma estética próxima das casas-museu que procurava reproduzir ambientes domésticos, com uma montagem baseada em critérios de simetria, tamanho e tipologia dos objetos.

Seis décadas depois, o discurso expositivo tornou-se desadequado, com critérios ultrapassados, ao mesmo tempo que se foi tornando visível o desgaste dos materiais e



Abel Lacerda no atelier de Pablo Picasso, no momento em que este assina a obra que doou ao Museu do Caramulo (1957)

revestimentos. O Museu apostou, assim, num projeto de requalificação que prevê melhorar as condições gerais de exposição, sem descaracterizar a sua identidade.

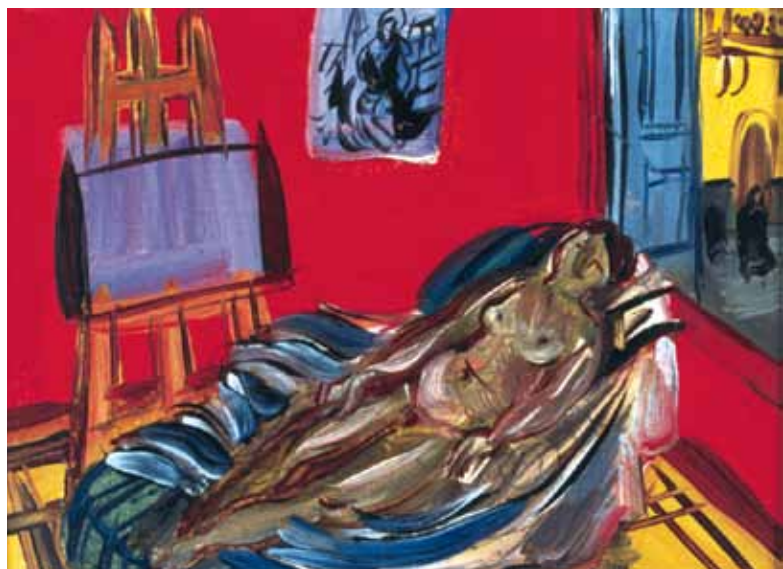
### **RENOVAR E VALORIZAR**

Para tal encomendou um projeto de renovação e valorização dos seus espaços ao ateliê da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, que propôs uma requalificação baseada no respeito pelo espaço existente, mas capaz de conferir uma leitura contemporânea através de uma nova distribuição das peças, do desenho de novos suportes expositivos, da introdução de novas tecnologias de iluminação e de uma nova proposta gráfica (da autoria do ateliê Pedro Falcão).

O projeto prevê também o aumento da área de exposição do acervo de arte contemporânea, que tem vindo a receber novas doações, e a criação uma sala dedicada à história do museu e dos seus fundadores, Abel e João de Lacerda. Serão também corrigidos alguns problemas como fendas ou marcas de humidade nas paredes. A nova apresentação da exposição vai destacar alguns núcleos de modo a valorizar a coleção e a sua relação com o público. Para tal, foram selecionadas duas dezenas de obras maiores, representativas da diversidade deste conjunto. Entre as obras de pintura incluídas neste “top 20” contam-se óleos de Grão Vasco,



Pablo Picasso, *Natureza Morta*, 1947, óleo s/ tela. Doação do autor



Raoul Dufy, *Modelo no Atelier*, 1942, óleo s/ cartão. Doação João de Lacerda.

Jacob Jordaens, Quinten Metsijs, e ainda uma tela atribuída a Frei Carlos. Do conjunto de obras do século XX, salienta-se uma natureza-morta de Pablo Picasso e um óleo (*Modelo no atelier*) de Raoul Dufy.

Destacam-se ainda, neste conjunto, as notáveis quatro tapeçarias do século XVI, *Portugueses na Índia*, realizadas em Tournai, Flandres, que celebram a chegada dos portugueses à Índia no reinado de D. Manuel, que foram localizadas por Abel de Lacerda em Inglaterra e nos Estados Unidos, e por ele adquiridas para a sua coleção. Esta escolha apresenta ainda um conjunto de peças chinesas da dinastia Ming e Qing, assim como alguns magníficos exemplares de artes decorativas luso-orientais.

Nomes de referência da arte nacional como Amadeo de Sousa-Cardozo, Eduardo Viana, António Carneiro, Aurélia de Sousa, Leopoldo de Almeida, Vieira de Silva, Eduardo Nery, Artur Loureiro, Martins Correia, Canto da Maya, Silva Porto, Eduardo Malta, e Jorge Vieira, entre muitos outros, estão representados nesta coleção.

### UM MUSEU DO AUTOMÓVEL

O Museu do Caramulo dispõe ainda de um polo dedicado a uma notável coleção de uma centena de automóveis, motocicletas e velocípedes antigos que abrange mais de 120 anos da história automóvel, mecânica e industrial, reunida por João de Lacerda. Trata-se de um dos melhores acervos do género em todo o mundo. Inicialmente instalado no piso térreo do museu, passou a dispor, a partir de 1970, de um edifício próprio. Entre os exemplares expostos contam-se o mais antigo automóvel ainda em funcionamento em Portugal, um Peugeot de 1899, o Renault que pertenceu ao conselheiro João Franco ou o Rolls-Royce que serviu a rainha Isabel II, o presidente Eisenhower e o papa João Paulo II nas suas visitas a Portugal.

Em março de 2004, o Museu abriu ao público uma exposição de brinquedos antigos e miniaturas de coleção, que conta com mais de 3000 peças, cobrindo quase um século da história do brinquedo. ■

### PRÉMIOS ANTERIORES

No valor de 50 mil euros, o Prémio Vilalva foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva tendo sido atribuído pela primeira vez em 2007, ao projeto de **Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço**, em Lisboa. Em 2008 foi distinguido o **Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja** pelos projetos Monumentos Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo. Em 2009 foi premiada a **recuperação das ruínas romanas de Ammaia**, em Marvão, e no ano seguinte a Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na **recuperação da Igreja do Sacramento**, no Chiado, em Lisboa. Em 2011 o júri distinguiu a **recuperação de um edifício pombalino na Baixa de Lisboa**, da autoria do ateliê José Adrião Arquitetos e em 2012 escolheu um projeto açoriano de requalificação e musealização de um conjunto escultórico do século XIX, o **Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse**.



Isabel Mota na sessão de lançamento dos novos concursos do Programa Cidadania Ativa/EEA Grants © Mária Lessa

## Programa Cidadania Ativa 4,5 milhões de euros para ONG portuguesas

No dia 11 de março foram lançados na Fundação Gulbenkian os novos concursos anuais do Programa Cidadania Ativa/EEA Grants, que em 2014 tem disponíveis 4,5 milhões de euros para projetos de ONG portuguesas.

Na sessão de lançamento dos novos concursos, a administradora da Fundação Gulbenkian Isabel Mota destacou a dimensão financeira deste programa, “o mais abrangente instrumento de reforço da sociedade civil portuguesa”.

Isabel Mota sublinhou ainda que o Programa Cidadania Ativa, um instrumento de apoio às entidades da sociedade civil gerido pela Fundação Gulbenkian, se tornou “o terceiro programa mais volumoso financiado pelos EEA Grants em Portugal”, com uma dotação global de 8,7 milhões de euros, após o recente reforço de cerca de 2,9 milhões de euros, por decisão dos países financiadores (Noruega, Islândia e Liechtenstein), e com o acordo do Governo português.

Esta verba adicional de 2,9 milhões de euros, anunciou Isabel Mota, será consagrada a uma nova área de intervenção, **Empregabilidade e Inclusão dos Jovens**, que abrange

jovens desempregados, em situação de abandono escolar ou de vulnerabilidade social. “O Programa Cidadania Ativa assume-se assim como uma oportunidade, mas também como um desafio para uma intervenção mais inovadora por parte das ONG”, afirmou ainda a administradora, numa sessão que juntou na Fundação Gulbenkian cerca de 400 representantes de ONG portuguesas.

**Até 12 de maio**, podem ser submetidas candidaturas para os Concursos de 2014, nos seguintes domínios: a) Participação das ONG na conceção e aplicação de políticas públicas, a nível nacional, regional e local; b) Promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as discriminações; c) Reforço da eficácia da ação das ONG; d) Apoio à empregabilidade e inclusão dos jovens.

Nos concursos de 2013 foram submetidas 364 candidaturas e aprovados 54 projetos, envolvendo 110 organizações, num montante total de subsídios de cerca de três milhões de euros. ■

[www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt](http://www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt)



Roupa e outros adereços para o Teatro-Fórum © Márcia Lessa

## Laboratório da vida real

*A partir de situações reais, um grupo de mulheres vítimas de violência constrói pequenos espetáculos de teatro que estimulam a sua própria consciencialização e capacitação, mas também a participação do público, que é convidado a apresentar propostas para a resolução das situações encenadas. Teatro-Fórum é a metodologia que está na base deste projeto inovador, desenvolvido por duas ONG portuguesas com o apoio do Programa Cidadania Ativa. Chama-se Laboratório para a Igualdade através do Teatro-Fórum.*

**À** volta de uma mesa, a mãe reúne-se com as suas quatro filhas ao jantar. Pergunta-lhes como correu o dia. Uma das filhas trabalha num armazém, num ambiente predominantemente masculino; outra é empresária, gere uma empresa de construção civil e uma equipa de 50 homens. Ambas partilham as suas preocupações e desafios. Entretanto, as filhas mais novas preparam-se para sair. Uma esmera-se com a roupa e a maquilhagem, reproduzindo o que folheia nas revistas; a outra é “maria-razapaz” e insiste em levar um boné. A conversa entre mãe e filhas vai-se desenrolando e revela com humor todos os preconceitos da mãe, que cobre a cabeça com um lenço preto. A sua visão sobre o papel da mulher na sociedade não se alinha com as atitudes e os comportamentos das filhas, emancipadas, que lhe causam choque e estranheza.

*Mito Feminino* é o título do *sketch* teatral a que assistimos, protagonizado por um grupo de mulheres sem laços familiares, mas unidas por uma causa: combater a violência de género e promover a igualdade entre homens e mulheres. O grupo é heterogéneo, juntando mulheres de idades, origens e formações muito diferentes. São vítimas de violência, que estão em casas de abrigo geridas pela UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, mas também ativistas, voluntárias e técnicas que trabalham nestas casas de abrigo e no Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa (GTO LX). As duas organizações são parceiras neste projeto, financiado pelo Programa Cidadania Ativa/EEA Grants, da Fundação Gulbenkian.

Encontrámos estas mulheres no final de uma manhã de ensaios. O espetáculo que preparavam, e que seria apresen-



tado no Dia Internacional da Mulher (8 de março) a outras mulheres, resultava de dois *workshops* que tinham feito com algumas semanas de intervalo. O tempo que passaram juntas e o ambiente de confiança que se gerou nestas sessões permitiu-lhes expor e partilhar experiências difíceis, que depois foram utilizadas num processo criativo de dramatização. “O objetivo é apresentar estes *sketches* e dialogar com o público, perguntar-lhes: ‘Vocês já sentiram isto? O que fariam nesta situação?’”, explica Filipa, do GTO LX, que está a orientar os trabalhos em conjunto com Alexandra, da UMAR.

## RETRATOS VIVOS

Nos *workshops* a partilha de experiências faz-se através de jogos teatrais, utilizando técnicas como a do teatro-imagem (esculturas vivas), ou através da leitura e discussão de textos. Num sotaque estrangeiro, Valéria (nome fictício) faz um resumo: “São sempre dinâmicas ou jogos muito simples, mas daqui surgem coisas complicadas e profundas.” Por causa da sua condição de estrangeira, Valéria já foi discriminada em entrevistas de emprego e também trouxe essa experiência para as sessões do laboratório.

Outras dramatizações exploradas no decorrer do laboratório são as chamadas “ratoeiras”, situações em que a mulher “faz uma coisa que sabe que não quer fazer, não se sente bem a fazê-la, mas sente-se impelida a fazê-la na mesma”, explicam-nos. Como aconteceu quando Beatriz (nome fictício) quis ir fazer escalada com os amigos, “mas como eram só homens, «parecia mal» e acabou por não ir”, exemplifica Filipa. “Esta partilha ajuda-nos a pensar a nossa condição enquanto mulheres”, diz Alexandra, enquanto Filipa complementa: “Queremos investigar como estas vivências nos condicionam no nosso desenvolvimento social, como nos relacionamos com outras pessoas, como educamos os nossos filhos.”



Portmensor do local de ensaios © Márcia Lessa

Numa das sessões, Filomena (nome fictício) conta-nos que houve uma cena improvisada que, sem querer, se transformou num retrato vivo daquilo por que tinha passado. “Tive de sair da sala, nem acompanhei a cena até ao fim. Eram gestos, ações, palavras que reproduziam tudo o que eu passei, com base na história de uma outra pessoa”, relata. Agora consegue olhar para trás e pensar naquilo que lhe aconteceu de outra forma. “Com a azáfama do dia a dia, muitas vezes não temos tempo para partilhar e achamos que estamos sozinhas e que aquele problema é só nosso. Neste espaço temos a possibilidade de partilhar estas coisas e ver como outras colegas reagem”, explica Alexandra. As revelações feitas nestes encontros geram solidariedade e reflexão, e estas mulheres acabam com frequência por perguntar como hão de fazer para evitar determinadas situações. “Mas se nós soubéssemos, provavelmente não estaríamos a fazer este tipo de trabalho”, admite Filipa. “Ainda ontem saiu aquele relatório...” Filipa refere-se ao estudo da Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia, divulgado recentemente, onde se revela que uma em cada três mulheres da União Europeia já foi vítima de pelo menos um episódio de abuso sexual, físico ou psicológico. “É chocante”, conclui.

## UM ESPAÇO DE LIBERDADE

A maioria das mulheres vítimas de violência não está habituada a ter tempo para si. “Temos tentado articular com as colegas da UMAR que estão nas casas de abrigo [que alojam agregados familiares de mulheres com jovens e crianças] o desenvolvimento de atividades paralelas para as crianças”, explica Alexandra, sobre um aspeto do projeto que não estava previsto inicialmente, mas que se revelou ser fundamental. Só assim as mães podem ter espaço para



À entrada dos ensaios © Márcia Lessa

elas próprias. Um espaço de liberdade que às vezes pode simplesmente passar por tomar um café na Baixa lisboeta, no intervalo de um dia de *workshop*.

“Houve casos de mulheres que no primeiro dia vinham cheias de dúvidas, estavam muito fechadas, e saíram de lá a cantar, com um sorriso. Mulheres que disseram que há muito tempo que não sorriam ou que não se divertiam”, conta Alexandra. “É verdade”, confirmam as outras mulheres à volta, recordando esses momentos.

“Não somos nós que escolhemos as mulheres que participam, elas é que nos escolhem a nós”, diz Alexandra. As atividades destes “laboratórios de género” são divulgadas nas casas de abrigo da UMAR e depois as mulheres inscrevem-se de livre vontade. São mulheres em situação de risco e de proteção, que assumem ter passado por uma situação de violência que acabou por moldar a sua vida. Chegaram às casas de abrigo em momentos diferentes, e têm um projeto de vida. “Há mulheres que vieram à primeira sessão do laboratório e entretanto arranjam um novo emprego ou autonomizam-se e já não vêm à segunda sessão... Também tem sido interessante perceber como realmente isto é muito fluido, e requer de nós grande capacidade de adaptação”, reflete a técnica da UMAR.

“O nosso objetivo é criar espetáculos de Teatro-Fórum, porque de todas as técnicas [de Teatro do Oprimido] é aquela que permite mais diálogo”, explica por seu lado Filipa, do



Filipa Simões (GTO LX) © Márcia Lessa

Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa (GTO LX), uma organização cujo trabalho se inspira na metodologia do Teatro do Oprimido, criada pelo teórico brasileiro Augusto Boal, em meados da década de 60, e que é hoje praticada um pouco por todo o mundo.

Há vários anos que o GTO LX desenvolve projetos com populações desfavorecidas, formando grupos comunitários de Teatro-Fórum para criar espetáculos a partir de situações reais. Já tinham trabalhado antes em parcerias com a UMAR que envolviam Teatro-Fórum, mas noutros contextos, nomeadamente com questões mais ligadas aos jovens e à sexualidade. Com vítimas de violência doméstica, é a primeira vez. É um projeto pioneiro em Portugal. “Consideramos que as mulheres e, em especial, as mulheres vítimas de violência doméstica não têm voz no espaço público. No caso das vítimas de violência doméstica quase sempre são outras ou outros que falam por elas”, afirmam as mentoras do projeto. Com o Laboratório, “são elas as protagonistas e falam sobre o que para elas é relevante”, acrescentam convictas.

Através do Teatro-Fórum, estas mulheres levam as suas vivências para o palco, na forma de um guião muito detalhado, onde há sempre espaço para o diálogo com o público. As espetadoras sugerem respostas para lidar com os problemas apresentados e são convidadas para o palco para pôr as suas estratégias em prática. “Juntamo-nos para refletir em conjunto sobre coisas que nos afligem, que nos preocupam e que nos magoam”, resumem. “Apresentamos os problemas ao público e colocamos a questão: ‘Como é que nós, enquanto sociedade, avançamos para resolver isto?’” ■



Alexandra Alves Luís (UMAR) © Márcia Lessa



Cerimónia de lançamento do Laboratório de Investimento Social. © Márcia Lessa

## Um laboratório para o Investimento Social

*A Fundação Gulbenkian, juntamente com o Instituto de Empreendedorismo Social (IES), lançou no final de fevereiro o Laboratório de Investimento Social, uma iniciativa que pretende difundir as melhores práticas financeiras na área do investimento social, estudando a sua aplicabilidade à realidade portuguesa.*

O conceito de “investimento social” baseia-se na aplicação de capital em atividades, organizações ou fundos com o objetivo de obter simultaneamente um retorno financeiro e um retorno de valor para a sociedade. Esta ideia, que já começa a ser aplicada em alguns países como o Reino Unido, os Estados Unidos e o Canadá, pretende criar parcerias que tragam benefícios tanto para o investidor como para a organização social que é apoiada. O Laboratório de Investimento Social nasce com o objetivo de introduzir este conceito na realidade portuguesa ao

criar uma rede de discussão entre vários especialistas na área, fomentando assim maior conhecimento e procurando novas ferramentas para aplicar e encontrar soluções de financiamento para diversas ações sociais.

A Social Finance UK, parceira da Gulbenkian e do IES no acompanhamento do Laboratório, é uma organização pioneira nesta área no Reino Unido enquanto responsável pela primeira *social impact bond*, um sistema inovador que envolve financiadores privados, organizações sociais e Estado. O sistema baseia-se na relação entre as três partes:



Bernard Horn © Márcia Lessa

os investidores privados injetam dinheiro numa determinada organização social e, quando esta atinge os objetivos previamente definidos, o Estado devolve o dinheiro ao investidor, com algum lucro. Os projetos terão de ser também benéficos, financeira ou socialmente, para o próprio Estado.

Os primeiros resultados destas *social impact bonds*, ou “títulos de impacto social”, começam agora a aparecer, nomeadamente os de uma intervenção levada a cabo numa prisão em Peterborough, ligada ao acompanhamento de prisioneiros após cumprirem as suas penas. Nesta ação, ficou demonstrado que se conseguiam baixar os níveis de reincidência, o que trouxe benefícios a nível social e financeiro, uma vez que cada pessoa posta na prisão custa dinheiro ao Estado. Nesta entrevista, **Bernard Horn**, responsável máximo da Social Finance, fala sobre o investimento social e sobre o Laboratório agora criado.

**O INVESTIMENTO SOCIAL AINDA É UMA NOVIDADE NO QUE DIZ RESPEITO A FORMAS DE FINANCIAR AÇÕES SOCIAIS, DESCONHECIDAS DA MAIOR PARTE DAS PESSOAS. COMO É QUE FUNCIONA? COMO É QUE ESTE MODELO PERMITE DESBLOQUEAR FUNDOS DO SETOR PRIVADO?**

Primeiro, convém explicar um pouco a história desta ideia.

Esta iniciativa começou em 2000 quando um grupo de pessoas com experiência no mundo dos capitais privados se juntou e se interrogou: “Como conseguimos trazer o mesmo tipo de disciplina que aplicamos no sector privado para a área social e como podemos ajudar empreendedores sociais? Como podemos aplicar o mesmo tipo de recursos e inovações que aplicamos no setor privado?” Esta linha de pensamento levou à criação de uma *task force* no Reino Unido que chegou a um ponto em que percebeu que, de facto, existiam dinheiro e pessoas que queriam investir na resolução de problemáticas sociais, mas não apenas com bolsas ou apoios. Queriam fazê-lo de uma forma mais estruturada e controlada.

É assim que nasce a ideia do investimento social. O investimento social é, acima de tudo, perceber qual o impacto de um investimento. Pode ter um grande impacto socialmente e ter um retorno financeiro muito pequeno, por exemplo. O que nós fazemos na Social Finance, e que será com certeza abordado no Laboratório de Investimento Social, é juntar todas as partes interessadas e perceber como é que podemos aproveitar fontes de investimento para abordar problemas sociais. É também fomentar investimentos porque existem pessoas com recursos que querem investir nesta área, mas não o conseguem fazer sozinhas.

**POR VEZES OS INVESTIDORES PRIVADOS ESTÃO POUCO DISPOSTOS A INVESTIR EM ORGANIZAÇÕES SOCIAIS, SOB PRETEXTO DE NÃO TEREM UMA INFRAESTRUTURA SUFICIENTEMENTE ESTÁVEL E SÓLIDA. INSTITUIÇÕES DO TIPO DA SOCIAL FINANCE PODEM AJUDAR ESTAS ORGANIZAÇÕES A CRIAR INFRAESTRUTURAS MAIS SUSTENTÁVEIS?**

Quando a *task force* criada no Reino Unido começou a trabalhar, descobriu que a maioria das organizações sociais, que estavam a fazer um excelente trabalho, só conseguiam ter previsões financeiras para os três meses seguintes, o que é uma situação dramática. Como é que se consegue planejar? Como é possível criar uma estratégia? Parte do que fazemos é também investir nestas organizações de forma a torná-las mais sustentáveis, e fomos muito bem recebidos. Pode ser uma ideia difícil de aceitar para pessoas que trabalham nisto há muito tempo. Poderiam pensar “lá vêm estes espertalhões dizer-nos como é que devemos fazer estas coisas”, mas a ideia é chegar coletivamente a soluções mais sustentáveis, encontrar bases financeiras mais sólidas para organizações que fazem um trabalho importante e valioso. Isto tem sido muito positivo, mas também é muito trabalhoso.

**UMA PARTE-CHAVE DESTES SISTEMA É A CAPACIDADE DE MEDIR OS RESULTADOS DAS AÇÕES SOCIAIS QUE ESTÃO A SER APOIADAS. COMO É QUE SE QUANTIFICAM RESULTADOS SOCIAIS?**

Depende muito do que é e de onde é. Grande parte do trabalho é baseado naquilo a que chamamos *performance management* – encontrar um conjunto de indicadores quantificáveis. Isto porque os investidores não querem só dar dinheiro, sem saber se irá ou não ter retorno. Se recuarmos até à nossa primeira *social impact bond*, em Peterborough, que tinha a ver com o acompanhamento de reclusos e a diminuição das taxas de reincidência de criminosos, havia uns indicadores muito bem definidos entre todos os investidores e o Estado, antes de tudo começar. Um dos pilares do que construímos na Social Finance é um grupo de pessoas que trabalham para desenvolver estes indicadores. Por vezes, no setor social, é muito difícil perceber que nos permite medir o sucesso de uma determinada ação e isso significa que temos de passar muito tempo a trabalhar para chegar a uma conclusão. Os indicadores existem sempre, às vezes as pessoas usam-nos sem se aperceberem disso, é uma questão de descodificá-los. Tudo isto tem de estar muito bem definido para que, no fim, se saiba se haverá um retorno, dependendo do sucesso da ação social.

**PORTUGAL ESTÁ A ATRAVESSAR UM PERÍODO DE AUSTERIDADE QUE AFETA A FORMA COMO O ESTADO SOCIAL INTERAGE COM OS SEUS CIDADÃOS. QUE PAPEL PODE O**

**“O que fazemos na Social Finance é juntar todas as partes interessadas e perceber como podemos aproveitar fontes de investimento para abordar problemas sociais”**

**INVESTIMENTO SOCIAL TER NESTAS CIRCUNSTÂNCIAS? O MODELO QUE USARAM NO REINO UNIDO SERÁ ADEQUADO PARA UM PAÍS COMO PORTUGAL?**

É muito difícil dar uma resposta não conhecendo a fundo a vossa realidade, mas não acredito que estas iniciativas possam ser a solução para sair de uma crise económica. No entanto, considero o *timing* do Laboratório de Investimento Social absolutamente fantástico, porque o trabalho que anda a ser feito, sob a alçada da Gulbenkian, vem numa altura em que as pessoas se querem juntar com um objetivo comum, para resolver algumas das situações mais complicadas vividas em Portugal. Até pode ser, e não quero tecer comentários políticos, que alguns investidores estejam preparados para investir em ações sociais mais do que noutras áreas. Não acho, de todo, que o ambiente seja negativo para estas ações, nesta altura.

**DEVIDO À SUA EXPERIÊNCIA NESTA ÁREA, TEM ALGUNS CONSELHOS PARA O LABORATÓRIO DE INVESTIMENTO SOCIAL?**

Primeiro, quero dizer que daremos todo o apoio que nos for possível dar. A partilha de práticas de trabalho é um exercício muitíssimo valioso, e é por isso que cá estamos porque achamos que o Laboratório de Investimento Social é uma iniciativa fantástica. Tendo isto em conta, para além de continuarmos a dar todo o apoio que conseguirmos, de certeza que também iremos aprender com os resultados que sairão do Laboratório. Parece haver neste momento uma tendência crescente nesta área. Para além da Social Investment, existe também a *task force* do G8 e mais uma série de organizações como a nossa a nascer por todo o mundo. Há muita gente a acreditar neste modelo e a tentar descobrir como é que pode funcionar da melhor forma. É por isso que acreditamos que iniciativas como o Laboratório de Investimento Social são muito positivas. ■



Horácio Novais, 25 de Abril de 1974 © Biblioteca de Arte

## ***O 25 de Abril 40 anos depois***

**A** transição para a democracia em Portugal, mas sobretudo a reflexão sobre o momento fundador do atual regime político, são os pontos de partida da conferência marcada para dia **14 de abril**, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, que se associa à iniciativa do Instituto de Ciências Sociais, *Expresso* e SIC Notícias.

Ao longo do dia, muitos serão os intervenientes portugueses e estrangeiros que analisarão política e historicamente a Revolução de Abril e os momentos que se lhe seguiram. A conferência abre com as intervenções dos presidentes da Fundação Gulbenkian e da Impresa, respetivamente Artur Santos Silva e Francisco Pinto Balsemão, e do diretor do Instituto de Ciências Sociais, Jorge Vala. Logo de seguida, serão apresentados os resultados de um inquérito nacional sobre o que pensam os portugueses da democracia e da Europa.

A sessão de encerramento terá a participação de três presidentes da República pós-25 de Abril: Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio, que, sob moderação de Pinto Balsemão, responderão à pergunta “Valeu a pena?”. Convidado de honra desta conferência é o socialista e antigo primeiro-ministro espanhol Felipe Gonzalez, que fará uma intervenção sobre o 25 de Abril visto de Espanha. No final, a comentar a sua apresentação estará o pensador Eduardo Lourenço.

Esta conferência tem ainda a particularidade de ser dividida em sessões plenárias, a realizar no Auditório 2, e sessões paralelas diferenciadas e repartidas por várias salas da Fundação Gulbenkian.

Para os que não vivem em Lisboa, ou não puderem estar presentes no dia 14, a conferência será transmitida ao vivo em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt) e parcialmente na SIC Notícias. ■



Horácio Novais, 25 de Abril de 1974 © Biblioteca de Arte

## PROGRAMA

### 9.15h – Cerimónia de abertura

Artur Santos Silva, Francisco Pinto Balsemão, Jorge Vala

### 9.30h – Apresentação dos resultados de um inquérito aos portugueses sobre os 40 anos do 25 de abril

*Apresentação:* Marina Costa Lobo

*Comentadores:* António Costa Pinto, Pedro Magalhães

*Moderador:* António José Teixeira

### 11.15h – Sessões Paralelas

#### PAINEL A | O que foi o 25 de Abril?

*Oradores:* José Barata-Moura, Pacheco Pereira, Rui Ramos

*Moderador:* Henrique Monteiro

#### PAINEL B | Os Protagonistas do 25 de Abril

*Oradores:* Bruno Cardoso Reis, José Pedro Castanheira, Pezarat Correia

*Moderador:* Luís Marques

### 12.15h – O 25 de Abril 40 Anos Depois

*Oradores:* Kenneth Maxwell, Lawrence Whitehead,

Phillippe Schmitter

*Moderador:* Ricardo Costa

### 14.45h – Sessões Paralelas

#### PAINEL A | Os Legados do 25 de Abril:

##### A Sociedade e a Ciência

*Oradores:* Joaquim Gomes Canotilho, José Sobral, Luísa Schmidt, Maria do Carmo Fonseca

*Moderador:* João Garcia

#### PAINEL B | Os Legados do 25 de Abril:

##### A Política e a Economia

*Oradores:* António Vitorino, Luciano Amaral, Maria João Rodrigues

*Moderador:* Pedro Santos Guerreiro

### 16h – Visto de Espanha

*Apresentação:* Artur Santos Silva

*Orador:* Felipe Gonzalez

*Comentador:* Eduardo Lourenço

### 17.30h – Sessão de Encerramento | Valeu a Pena?

*Oradores:* António Ramalho Eanes, Mário Soares, Jorge Sampaio

*Moderador:* Francisco Pinto Balsemão



## Muros de Liberdade

**E**ste livro mostra como no período pós-Revolução de Abril “os muros de Lisboa se transformaram na metonímia das paredes da Europa e do mundo”, como se pode ler nas palavras dos seus coordenadores – Viriato Soromenho-Marques e Karl-Eckard Carius. Editada pela Esfera do Caos, com o apoio da Fundação Gulbenkian, a obra conta com um prefácio de Mário Soares e textos de autores portugueses e alemães: Bazon Brock, Daniel Oliveira, Eva Berendsen, Frieder Otto Wolf, Lídia Jorge, Sahra Wagenknecht e Teresa Salema.

Karl-Eckard Carius vive em Berlim, mas foi professor na Escola Alemã de Lisboa entre 1984 e 1992. Artista, *designer* e pedagogo, é Professor Emérito de Educação Estética-Cultural da Universidade de Vechta. A ideia deste projeto nasceu em 2010, numa altura em que se revelavam sinais de desacerto europeu, a realidade do desemprego atirava cidadãos europeus para o desespero e o mundo árabe vinha para a rua gritar pela mudança. Perante o descontentamento dos tempos atuais, outras imagens surgiram aos autores, não numa perspectiva saudosista, mas, segundo Karl-Eckard Carius, como marcas “de força e coragem de mudança”. A intenção não é publicar “documentos iconográficos como reminiscências de amores políticos passados”, nem é “render homenagem a uma conceção do mundo socialista ou comunista”. No prefácio, Mário Soares avança a razão primeira: “Só os Muros de Liberdade, erguidos pelos cidadãos, poderão impedir que a Europa volte a sofrer a experiência das fronteiras armadas e dos muros de opressão, ressuscitando os piores fantasmas da história europeia.”

As imagens dos murais e os *graffiti* da liberdade foram registados por Karl-Eckard Carius que os guardou, primeiro em Lisboa e depois na Alemanha, e que agora estão inscritos nas páginas deste livro. Imagens que antecipavam o



Murais pós-25 de abril

que se seguiria anos mais tarde, com “os infiltrados da política e da economia, dos habilidosos malabaristas dos mercados financeiros, dos precursores e impulsionadores da mudança – aliás, também no sentido de uma sociedade dominada pelo ‘eu’”. Lembra Karl-Eckard Carius, num depoimento feito de Berlim, que “as palavras de ordem da revolução e as cenas heroicas nas paredes já não combinavam com a imagem da nova consciência social que penetrava agora numa evolução dinamizada do mercado e que se rendia ao apetite consumista”.

Este livro é o testemunho de um tempo a pensar nestes tempos, onde a desilusão europeia abre caminho à queda dos velhos paradigmas ou, como assinala Bazon Brock, um dos autores alemães: “Aqueles que teimam em insistir na razão e na responsabilidade concluirão que temos urgentemente de transitar do *pathos* do modernismo onnipotente, que reclama sabermos como resolver todos os problemas do desenvolvimento da Humanidade, para a capacidade de aprender a lidar sensatamente com problemas que, na sua essência, não têm solução.”

O livro será apresentado em Lisboa, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian, no **dia 4 de abril, pelas 18h**. Ainda em abril, será apresentado em Berlim, numa versão em alemão da editora Westfaelisches Dampfboot. ■



# Fórum Portugal-Alemanha em Berlim

O segundo Fórum sobre as relações entre portugueses e alemães no contexto da União Económica e Monetária realizou-se no mês passado em Berlim, com a presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países.

Ao longo dos quatro painéis do programa, personalidades do mundo da política, diplomacia, economia e academias debateram, perante uma audiência de mais de 200 pessoas, temas de interesse mútuo para ambos os países, como a crise da União Económica e Monetária; a necessidade de reformas que favoreçam o crescimento económico e fomentem o emprego jovem; as relações transatlânticas no contexto da globalização e dos interesses geoestratégicos da UE e dos EUA; e a necessidade de um renovado contrato social, que relance a Europa na via do crescimento e reforce o papel que lhe cabe num mundo em acelerada mudança. Tónica comum das intervenções alemãs foi o elogio ao Programa de Ajustamento Português e a analogia com as reformas introduzidas na Alemanha há uma década, para aumentar a competitividade da economia, e que estão agora a dar frutos. Do lado português, e com exceção do ministro dos Negócios Estrangeiros, as vozes foram menos entusiastas, com vários intervenientes a defenderem um aprofundamento da integração europeia e a realização da União Bancária como forma de evitar a fragmentação do mercado financeiro, que penaliza as empresas portuguesas que não gozam das mesmas condições de financiamento, vitais para o relançamento da economia e do emprego.

## MAIS TEMPO PARA PORTUGAL

Na sua intervenção, o presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, lembrou que na altura da criação da Fundação Gulbenkian, em 1956, Portugal apresentava os indicadores económicos e sociais mais baixos da Europa e



Artur Santos Silva durante a sua comunicação. © Berlinda.org

que só se deu uma modernização económica e social após a adesão às Comunidades Europeias, em 1985. No entanto, com a integração no euro, “os agentes políticos, económicos e sociais não souberam, ao contrário do que se passou na Alemanha, incorporar as implicações da adesão a uma moeda única”. De acordo com Santos Silva, “perdemos competitividade, a economia desacelerou drasticamente e as finanças públicas atingiram um nível de desequilíbrio in comportável”. Sublinhando os erros dos programas de assistência na zona euro revelado pelo relatório do Instituto Bruegel, o presidente da Fundação Gulbenkian defendeu que Portugal precisa de mais tempo para reduzir os desequilíbrios nas finanças públicas e que “o relançamento do investimento privado e o combate ao desemprego” são decisivos para que Portugal “ponha termo a um processo de empobrecimento e recupere o caminho de convergência com os países europeus mais desenvolvidos”. Afirmando não se poder pensar a relação entre Portugal e a Alemanha “sem refletir sobre o extraordinário e singular projeto que é a União Europeia”, apelou à necessidade de “apontar caminhos de futuro para que este projeto ganhe renovado impulso”, esperando que “os líderes europeus tenham o discernimento para compreender a marcha da História antes que seja tarde”.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier, elogiou os resultados do Programa de Ajustamento (saída da recessão, crescimento económico, aumento das exportações) e a forma civilizada como as pessoas aceitaram os cortes. “As reformas e medidas de austeridade são sempre dolorosas e os seus efeitos positivos só se sentem muito mais tarde, e é esse desfasamento que torna esta política tão difícil.” Salientou ainda a necessidade de relançar o projeto europeu e de o legitimar aos olhos dos cidadãos: “Temos de convencer os

mais jovens de que a Europa é o futuro e não uma ameaça.” Rui Machete, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal, destacou igualmente o sucesso do Programa de Ajustamento, afirmando que “os bons ventos sopram a favor de Portugal” e realçando os esforços das empresas exportadoras, a queda do desemprego e a descida do défice orçamental. Promoveu ainda o país como importante parceiro comercial da Alemanha, enquanto plataforma de projeção das empresas alemãs para os mercados lusófonos, como ponto privilegiado de ligação marítima entre três continentes, como exemplo

de modernidade nalguns setores e ainda como destino turístico de execução.

O Fórum Portugal-Alemanha, organizado pela Fundação Gulbenkian, pelo Instituto de Política Europeia de Berlim e pelo Instituto Português para as Relações Internacionais, tem como objetivo contribuir para o estreitamento das relações entre os dois países ao nível político, económico, social e cultural, fomentando a confiança mútua e combatendo estereótipos.

A primeira edição deste Fórum bilateral teve lugar em Lisboa em janeiro do ano passado. ■



## Um novo pacto para a Europa

**E**m março, o Auditório 3 da Fundação foi palco do Stakeholders Meeting da iniciativa New Pact for Europe que pretende fomentar um debate público mais alargado sobre o futuro da União Europeia, tanto a nível nacional como no espaço europeu, envolvendo decisores políticos e cidadãos. Promovido pela King Baudoin Foundation, gerido pelo Network of European Foundations (NEF) e apoiado por um consórcio de fundações, entre as quais se inclui a Fundação Gulbenkian, o projeto quer contribuir para a criação de ideias sobre como superar os desafios que a Europa enfrenta.

Neste encontro, foram discutidas as cinco questões estratégicas que nasceram do debate realizado, num primeiro momento, por um grupo de reflexão que envolveu decisores e protagonistas políticos em matérias europeias e, num segundo momento, por cidadãos convidados a refletir sobre o atual momento da Europa. Antes da discussão destas questões, Viriato Soromenho-Marques, João Ferreira do

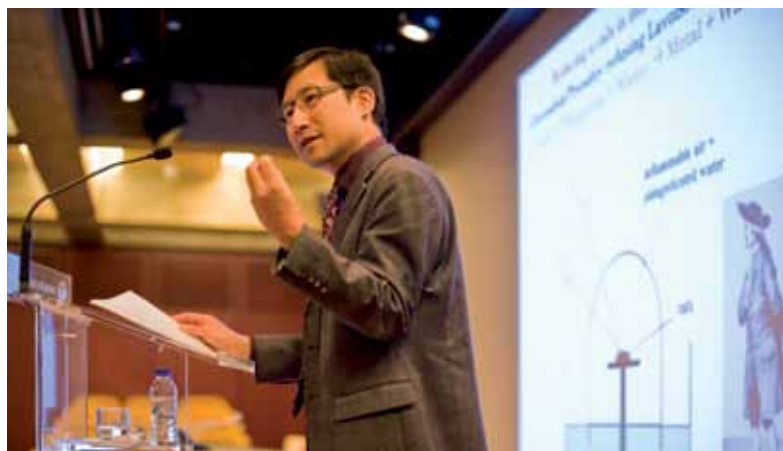
Amaral e Vítor Martins deram o seu contributo para a reflexão. Da sessão resultou um consenso claro quanto à rejeição de duas das cinco opções em cima da mesa que defendiam a “consolidação do acervo do passado” e a “mudança da lógica do mais/menos Europa”. A primeira por insistir na preservação de um modelo cristalizado de integração europeia e a segunda por não considerar a resolução dos problemas de curto prazo. As conclusões de cada país serão agora reunidas num documento único que será apresentado nas instâncias europeias.

Para além da Fundação Gulbenkian, o projeto é apoiado pelas fundações alemãs Bertelsmann Stiftung, Stiftung Mercator e Allianz Kulturstiftung, pelas espanholas Fundação La Caixa e Open Society Initiative for Europe, pela European Cultural Foundation da Holanda, pelas instituições belgas European Policy Centre e European Network Foundations e ainda pela Swedish Cultural Foundation da Finlândia. ■

# Investigador sul-coreano ganha Prémio Fernando Gil 2013

**H**asok Chang, especialista em Física teórica e Filosofia, é o vencedor da 3.<sup>a</sup> edição do Prémio Internacional Fernando Gil pela sua obra intitulada *Is Water H<sub>2</sub>O? Evidence, Realism and Pluralism* (Springer, 2012). Hasok Chang, nascido e educado na Coreia do Sul, fez o doutoramento na Universidade de Stanford e ocupa atualmente a Cátedra Hans Rausing de História e Filosofia da Ciência na Universidade de Cambridge. Impressionado pela originalidade e pela qualidade global do livro, o Júri do Prémio decidiu distinguir o investigador por considerar que a sua pesquisa contribuirá para muitos debates nos próximos anos e que se tornará matéria crucial para a história e filosofia da ciência.

A cerimónia de entrega do Prémio realizou-se na Fundação Gulbenkian, a 20 de março, data que assinala a morte de Fernando Gil. Na ocasião, o investigador distinguido pro-



Hasok Chang © Márcia Lessa

feriu uma palestra sobre o tema “History and Philosophy of Science in the Service of Scientific Pluralism”.

O Prémio, no valor de 75 mil euros, resulta de uma iniciativa conjunta do Governo português, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, e da Fundação Calouste Gulbenkian para homenagear a memória e a obra do filósofo português Fernando Gil (1937-2006). Tem por objetivo distinguir um trabalho de qualidade excepcional no domínio da Filosofia da Ciência, que considere quer problemas epistemológicos gerais quer questões relativas a áreas científicas específicas, da autoria de investigadores de qualquer nacionalidade ou afiliação profissional. Nas duas edições anteriores, o Prémio Internacional Fernando Gil foi entregue a Ladislav Kvasz, um matemático e filósofo eslovaco, e ao italiano Niccolò Guicciardini, pela sua obra *Isaac Newton sobre a Certeza Matemática e o Método*. ■

## Orçamento de Estado Execução e controlo

**O**rlando Caliço, quadro do Banco de Portugal e antigo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais do governo liderado por Santana Lopes, é o próximo convidado do ciclo de conferências Sextas da Reforma. A 4 de abril, pelas 16h, na Sala 1 da Fundação, Orlando Caliço falará do Controlo da Execução Orçamental do Estado numa conferência em que serão comentadores Rui Nuno Baleiras, do Conselho das Finanças Públicas, e Manuela Proença, da Direção-Geral do Orçamento.

Ao longo da sua carreira, Orlando Caliço tem desempenhado vários cargos públicos e participado em projetos de reforma do Estado, como a Estrutura de Coordenação da Reforma da Despesa Pública (Ecordep), em 2001, e a

Comissão para Análise das Contas Públicas, em 2002. Licenciado em Finanças e pós-graduado em Estudos Europeus, Orlando Caliço foi também presidente do Conselho Fiscal da Caixa Geral de Aposentações.

O ciclo Sextas da Reforma, iniciado no ano passado na Fundação Gulbenkian, é uma parceria com o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas, que convida personalidades das áreas económica ou financeira para conferências sobre a reforma, a organização e gestão do setor público. A entrada para os seminários é livre, mas sujeita a inscrição prévia obrigatória, através da página da web do Banco de Portugal. ■

[www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt)



## ***Honoris Causa*** **para António Coutinho**

**A** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Brasil, atribuiu em março o título de Doutor *Honoris Causa* ao cientista português António Coutinho, como “reconhecimento da sua contribuição para o progresso da Ciência e formação de cientistas no cenário internacional”. No decorrer da cerimónia oficial, em Belo Horizonte, o reitor da Universidade declarou que nos seus 120 anos de história, este é o 20.º título *Honoris Causa* atribuído pela Universidade que distinguiu, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Desmond Tutu e José Saramago.

António Coutinho é internacionalmente reconhecido como um dos imunologistas mais importantes do nosso tempo e cujas descobertas são a base de muitos trabalhos de investigação em Imunologia, tendo por isso já sido citado mais de 12 mil vezes por outros cientistas. Paralelamente, António Coutinho contribuiu para a formação pós-gradua-

da de centenas de jovens, através dos programas de doutoramento por si idealizados. Em 1993, lançou o primeiro Programa de Doutoramento em Portugal e um dos primeiros na Europa neste formato: o Programa Gulbenkian de Doutoramento em Biologia e Medicina (PGDBM). Depois como diretor do Instituto Gulbenkian de Ciência, promoveu outros programas de doutoramento em áreas específicas. Muitos destes antigos alunos são atualmente líderes de investigações de ponta, desenvolvidas em Portugal ou no estrangeiro.

António Coutinho é coordenador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNCT), membro do Conselho de Gestão do Instituto Gulbenkian de Ciência e curador da Fundação Champalimaud. Para além destas funções, dedica o seu tempo à administração e avaliação de ciência em múltiplos conselhos científicos e comissões de avaliação, na Europa, na Ásia e na América, nomeadamente no Brasil. ■

## **Fact Finders no IGC**

**C**onhecer melhor a investigação e o que se faz diariamente no Instituto Gulbenkian de Ciência foi o que motivou o grupo Fact Finders a visitar o instituto no mês passado. A organização Fact Finders é constituída fundamentalmente por mulheres ou familiares de diplomatas estrangeiros em Portugal, mas também por empreendedoras e mulheres atentas a muitas causas sociais. A oportunidade surgiu com o convite da investigadora Ana Domingos, do grupo de Obesidade do IGC, e o grupo ficou a conhecer o espaço e a atividade dos vários grupos de investigação que trabalham diariamente na instituição de Oeiras. ■





## A diversidade escondida das bactérias intestinais

O nosso intestino aloja um número astronómico de bactérias (cerca de 100 vezes superior ao número de células do nosso corpo), conhecido por “microbiota intestinal”. Estas bactérias pertencem a milhares de espécies que coexistem, interagem entre si e são fundamentais para a nossa saúde. Embora seja claro que desequilíbrios entre as espécies podem resultar em doença, o ritmo a que cada espécie evolui no intestino – um processo que contribui para a possibilidade de uma dada espécie inócua se tornar prejudicial para o hospedeiro – permanece desconhecido. Durante vários anos, a evolução de bactérias tem sido estudada em placas de Petri, as quais são ambientes altamente artificiais. Esta realidade foi agora alterada com um trabalho de investigação pioneiro realizado por três grupos de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência. Os laboratórios de Isabel Gordo, Karina Xavier e Jocelyne Demengeot aliam os seus conhecimentos em evolução, Microbiologia e Imunologia e conseguiram desvendar, pela primeira vez, de

que forma a bactéria *Escherichia coli* (*E. coli*) se adapta e evolui no seu ambiente natural: o intestino.

Os investigadores colonizaram ratos com *E. coli* e analisaram as fezes dos ratos para mutações que surgiram durante a evolução bacteriana no interior do intestino. Os resultados obtidos mostram o rápido surgimento de bactérias *E. coli* com diferentes mutações e, conseqüentemente, uma grande variação genética gerada ao longo do tempo nesta espécie. A equipa de investigação descobriu que, apesar da alta complexidade do ambiente natural estudado – o intestino –, o processo evolutivo é altamente reprodutível, uma vez que ocorreram as mesmas mutações em populações de *E. coli* que evoluíram em diferentes ratos.

Este estudo, recentemente publicado na revista científica *PLOS Genetics*, demonstra a riqueza da dinâmica evolutiva de cada bactéria num animal saudável e será fundamental para o desenvolvimento de novas estratégias de combate às doenças através da manipulação de micróbios do intestino. ■

## Cientistas *top* no IGC

Nove cientistas de renome internacional vão participar na reunião anual do Conselho Científico do Instituto Gulbenkian de Ciência, de 6 a 8 de abril, onde serão abordadas questões como o progresso científico, os programas de formação pós-graduada, o recrutamento e desempenho dos colaboradores e grupos de investigação.

Kai Simons, Martin Raff, David Sabatini, Terrence Sejnowski, Tony Hyman, Linda Partridge, Ruslan Medzhitov, Paul

Schmid-Hempel e Ginés Morata são os cientistas que compõem o Conselho Científico do IGC. Algumas das suas descobertas contribuíram para o avanço do conhecimento científico em áreas como a resposta imunitária à infeção por patógenos, regulação genética, neurobiologia, biologia do envelhecimento, desenvolvimento, entre outras. ■

[www.igc.gulbenkian.pt](http://www.igc.gulbenkian.pt)



## O futuro das relações Europa-África

**A** importância e o futuro da parceria estratégica entre a Europa e África, através de diferentes pontos de vista da sociedade civil, estiveram em debate na Fundação Calouste Gulbenkian, na conferência *Europa e África, que futuro comum?*, em março. No final, foi aprovada uma declaração com as principais conclusões, que será entregue aos responsáveis políticos nesta área.

Esta conferência tinha como objetivo sublinhar a importância da parceria estratégica entre os dois continentes, além de informar e influenciar os decisores políticos sobre o papel que Portugal deverá desempenhar, não esquecendo o contributo das organizações da sociedade civil. Isabel Mota, administradora da Fundação, abriu a conferência dizendo que cabe às fundações trazer para o debate público temas essenciais como este. Destacando o papel da próxima Cimeira Europa-África, em Bruxelas, como oportuni-

dade única para aprofundar o relacionamento entre os dois continentes, Isabel Mota disse que “envolver a sociedade civil na parceria estratégica é um dos caminhos a seguir, para passarmos da relação doador-beneficiário para uma relação mais realista e equitativa”.

As organizações da sociedade civil responsáveis por esta iniciativa foram a Fundação Calouste Gulbenkian, a Associação para a Cooperação entre os Povos, a Amnistia Internacional Portugal, o Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, o Conselho Nacional de Juventude, o Conselho Português para os Refugiados, a Rede Europeia Antipobreza, a Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, a Plataforma Portuguesa das ONGD, a União das Capitais de Língua Portuguesa e a União Geral dos Trabalhadores. ■

## Ensino à distância em Moçambique

**O** projeto de acreditação e de garantia da qualidade da Educação à Distância estará em curso em Moçambique, durante este ano e o próximo, com o apoio do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento. O projeto, que prevê o acompanhamento dos processos de acreditação e a elaboração de um Manual de Acreditação, conta com a parceria técnica da Universidade de Aveiro, instituição de ensino superior que já tem inúmeras iniciativas nesta área, bem como projetos de investigação e desenvolvimento, nomeadamente na Universidade Eduardo Mondlane, em parceria com a FCG, entre 2008 e 2012.

A diversificação da oferta formativa e o alargamento da base de recrutamento de estudantes, graças ao recurso às tecnologias da informação e comunicação, é um dos objetivos deste instrumento de ensino, que já é prática das instituições de ensino um pouco por todo o mundo e uma modalidade de formação em crescimento, ao permitir reduzir custos de operação e de gestão de infraestruturas. O Instituto Nacional de Educação à Distância, tutelado pelo Ministério da Educação de Moçambique, é a entidade que regula a atividade de Ensino à Distância e que acredita instituições, bem como os cursos e os programas. ■



Malcom Love

## Harvard na Gulbenkian regressa em Outubro

O ciclo *Harvard na Gulbenkian – Diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo* regressa à sala polivalente do Centro de Arte Moderna no mês de outubro. Assim, o conjunto de filmes e debates com curadoria do realizador Joaquim Sapinho e Haden Guest, diretor do Harvard Film Archive (cinemateca da Universidade de Harvard), continuará com presença marcada até janeiro de 2015. O programa e a lista de cineastas presentes nesta segunda metade do ciclo serão oportunamente divulgados.

A primeira parte deste ciclo contou com seis programas, entre novembro de 2013 e março passado, e trouxe à Fundação realizadores como Béla Tarr, Patricio Guzmán, Albert Serra, Lucrecia Martel, entre outros, assim como vários cineastas e filmes portugueses, estabelecendo uma ponte entre o cinema português e o cinema do resto do mundo. ■

## Comunicação em Ciência com Malcom Love

Aproveitando a sua passagem por Lisboa a propósito do concurso Famelab, organizado pela Ciência Viva e o British Council em parceria com a Fundação Gulbenkian, onde irá lecionar uma *master class* aos finalistas, Malcom Love irá orientar um *workshop* na sede da Fundação no próximo dia 28 de abril. O conceituado professor e especialista em Comunicação de Ciência, autor de um famoso programa de rádio no Reino Unido e responsável por ações de formação por todo o mundo, irá abordar tópicos-chave relacionados com o desenvolvimento de capacidades de comunicação em ciência, nomeadamente no que diz respeito ao desafio que é ter que falar em público, a arte de contar histórias, o desenvolvimento de uma linguagem corporal eficaz, como dar entrevistas à comunicação social e saber lidar com a ansiedade em palco. Este curso é uma iniciativa do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. ■

## Distinção para a Fundação Gulbenkian

A Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique, que comemora 50 anos, distinguiu a Fundação Calouste Gulbenkian com o galardão de Mérito em Parceria Internacional, pela “notável e longa colaboração” que a Fundação tem vindo a desenvolver com esta instituição de ensino moçambicana.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem apoiado a Faculdade na área da formação de recursos humanos, ao nível do intercâmbio com docentes de faculdades portuguesas de Medicina, bem como na aquisição de equipamentos e numa maior aposta na qualificação no diagnóstico de âmbito hospitalar, nomeadamente, anatomia patológica, parasitologia, fisiologia de esforço e bioquímica. ■



João Pedro Caldeano | 31 anos | Cinema / Direção de Fotografia \*

## O sonho de fazer cinema em Portugal

### QUANDO E COMO SURTIU A PAIXÃO PELO CINEMA?

O cinema tem uma magia que sempre me fascinou e desde cedo quis seguir essa vertente. Esta paixão intensificou-se durante os tempos da universidade e quando acabei a licenciatura surgiu um convite da ARRI (empresa que forneceu as câmaras para todos os filmes vencedores dos Óscares, como Gravity, Skyfall e 12 Years Slave) para trabalhar em Londres na área do cinema. Enquanto estive na ARRI, fui filmando mais e mais projetos. Este ano consegui uma bolsa da Gulbenkian, o que me permitiu fazer um mestrado em Direção de Fotografia.

### O QUE ESPERA DA MET FILM SCHOOL?

O diretor de fotografia tem a responsabilidade de colaborar com o realizador, a produção, o argumentista, o departamento criativo e a pós-produção de modo a criar um visual único para a história, usando técnicas cinematográficas, movi-

mentos de câmara e em especial técnicas de iluminação. Na Met Film School quase todos os professores trabalham ou trabalharam na indústria como *freelancers*, portanto têm um conhecimento bastante aprofundado do que se passa nas filmagens, o que é ótimo. Espero, por isso, que o mestrado me permita interagir com alunos de outras áreas de especialização tornando os meus projetos mais interessantes, ao mesmo tempo que vou criando uma importante rede de contactos dentro da indústria cinematográfica.

### PARTICIPOU NA PRODUÇÃO DE MUITOS FILMES INTERNACIONAIS PREMIADOS. GOSTARIA DE REALÇAR ALGUMA DESSAS EXPERIÊNCIAS?

A melhor experiência foi ter trabalhado no Skyfall, uma produção gigantesca que nos obrigava a solucionar problemas rapidamente. O filme estava a ser gravado em vários países ao mesmo tempo e houve dias em que tínhamos





mais de 15 câmaras para uma única cena porque eram momentos únicos que não se podiam repetir. Lembro-me por exemplo das explosões, depois de acontecerem não sobrava muita coisa; tinha de se filmar de todos os ângulos possíveis para garantir que o essencial era gravado. Apesar da adrenalina constante, a equipa técnica era uma equipa relaxada e sempre sorridente e só por isso foi um prazer e, claro, uma ótima experiência.

#### **IMAGINA-SE, UM DIA, A FAZER CINEMA EM PORTUGAL?**

O sonho é precisamente poder fazer cinema em Portugal... Em Portugal a indústria cinematográfica está em crescimento e temos muitos bons profissionais, todos os dias há projetos ou pessoas que se destacam. *A Gaiola Dourada* com mais de 445 mil espectadores é um dos exemplos, mas temos personalidades como Eduardo Serra (diretor de Fotografia em *Harry Potter* e *Blood Diamonds*) nomeado duas vezes para um Óscar e vencedor de vários *awards*

internacionais, ou o João Salaviza que ganhou a Palma de Ouro em Cannes para melhor curta-metragem, só para mencionar alguns. Temos muita qualidade, mas a maioria das vezes não somos reconhecidos no nosso país e temos tendência a procurar um sitio onde realmente possamos evoluir ou aperfeiçoar conhecimentos e técnicas.

A cultura gera uma riqueza que é, acima de tudo, emocional e intelectual e eu adoraria fazer cinema em Portugal.

#### **PROJETOS PARA O FUTURO?**

Presentemente, frequento o mestrado em Direção de Fotografia, na Met Film School em Londres, mas no futuro pretendo conciliar a vida profissional entre Londres e Portugal.

Mas quanto a projetos futuros... perfeito seria poder viver em Portugal, filmar em Portugal e só ter que me deslocar para fora do país eventualmente para filmar uma longa-metragem ou anúncios para televisão. ■

\* *Bolsa de estudo de aperfeiçoamento artístico em Direção de Fotografia, na MET Film School, em Londres.*



*Yasser Booley, Cape Town, 2011 | Série "There's a Place  
in Hell for Me and My Friends" © Pieter Hugo*

**em abril**



Da série Parentesco, 2008-2011 © Pieter Hugo, Cortesia Stevenson Gallery, Cape Town-Johannesburg/ Yossi Milo Gallery, New York

# Pieter Hugo

## Um fotógrafo na estrada

**A** África contemporânea de Pieter Hugo pode ser vista na nova exposição apresentada pelo Próximo Futuro na Sede da Fundação Gulbenkian. ***Este é o Lugar / This Must be the Place*** reúne mais de uma centena de fotografias que compõem várias séries realizadas entre 2002 e 2011. Esta retrospectiva do trabalho de Pieter Hugo (Joanesburgo, 1976) foi originalmente apresentada no Museu de Fotografia de Haia, com curadoria de Wim van Sinderen, e desde então já percorreu várias outras cidades europeias. Nas composições vívidas de Pieter Hugo, confrontam-se as diferenças entre o Ocidente e o continente africano, entre ricos e pobres, entre brancos e negros. Muitos dos seus trabalhos são inspirados por artigos de jornal, reportagens de rádio ou televisão. Mas não só. Entrou em contacto, por exemplo, com o grupo de homens que percorrem a Nigéria com hienas e pitões, quando um amigo lhe enviou uma fotografia tirada com o telemóvel. Decidiu acompanhar o grupo na sua itinerância e o resultado dessa experiência é a série *The Hyena & Other Men* (2005-2007), talvez o mais conhecido trabalho de Pieter Hugo a nível internacional, que fez parte da exposição *Um Atlas de Acontecimentos* que a Fundação Gulbenkian apresentou em 2007. Outros trabalhos incluídos na presente exposição foram realizados no Botswana, Ruanda ou Libéria, mas também na África do Sul. A série de retratos *There's a Place in Hell for Me and My Friends* (2011-2012) foi feita na Cidade do Cabo, onde o fotógrafo vive. Através de um processo digital de conversão e manipulação de cores, Pieter Hugo realça o pigmento (melanina) da pele dos seus retratados, que pare-

cem profundamente marcados por manchas e queimaduras do sol. Sobre esta série, diz o crítico Aaron Schuman: “À primeira vista podemos parecer ‘brancos’ ou ‘pretos’, mas os componentes que permanecem ‘ativos’ por baixo da superfície consistem num espectro muito maior. O que superficialmente parece dividir-nos é na realidade algo que partilhamos. Tal como nestas fotografias, não somos meramente pretos e brancos – somos vermelhos, amarelos, castanhos, etc.; na realidade, somos todos de cor.” António Pinto Ribeiro, programador-geral do Próximo Futuro, destaca em Pieter Hugo duas qualidades artísticas que fazem dele uma referência na cena artística internacional: “É um excelente retratista, na senda, aliás, da tradição de uma história de fotografia de África, onde os fotografados são tanto personagens da rua, vizinhos, como amigos e a família mais próxima – a mulher e o filho, na mais profunda intimidade. A outra qualidade é o modo como, nómada, viaja pelo continente africano ou norteamericano, documentando as contradições profundas deste mundo e onde dá a ver tanto as lixeiras tecnológicas no Gana, que servem a Europa, como as cenas de filmes de Nollywood ou os caçadores de hienas em pose. Um fotógrafo a mostrar a crueza do mundo, sempre *on the road*.” ■

**This Must Be the Place | Este é o Lugar**

Curadoria: Wim van Sinderen

Até 1 junho

**EDIFÍCIO SEDE – SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS -1**



Punhal com bainha. Turquia, segunda metade do séc. XVI; Lâmina, Irão, séc. XVI

# Tesouros do Kremlin em Lisboa

**M**ais de 15 mil pessoas já visitaram a exposição *Os Czares e o Oriente. Ofertas da Turquia e do Irão no Kremlin de Moscovo*, apresentada pela primeira vez na Europa Ocidental. A mostra patente na Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian é constituída por 66 peças de grande valor, um acervo único entre as coleções museológicas do mundo. Inclui tecidos, armas, arreios de cavalo e joias, objetos que durante muito tempo foram essenciais para a vida na corte russa.

“Todas as peças são importantes. Não trouxemos muitas, mas cada objeto tem a sua história, e está relacionado com acontecimentos na História da Rússia”, afirmou a diretora-geral do Museu do Kremlin, Elena Gagarina, filha mais velha do astronauta Yuri Gagarine, quando a exposição foi inaugurada em Lisboa, no final de fevereiro. Gagarina sublinhou também que esta é uma oportunidade única para ver as peças provenientes dos museus do Kremlin, já que estas raramente saem (é a primeira vez que são mostradas na Europa).

A exposição engloba obras de arte provenientes essencialmente do Irão, da Turquia e da Rússia, apresentando-se uma seleção das peças mais requintadas criadas nas oficinas das cortes desses países. As peças expostas eram utilizadas nos atos cerimoniais dos czares, na vida da corte, nas campanhas militares e nos ofícios religiosos celebrados nas igrejas do Kremlin.

Na mostra, destacam-se peças como “Ícone de Nossa Senhora do Leite” ou “Elmo com Máscara”, que por terem sobrevivido a todas as guerras e revoluções que abalaram Moscovo são encaradas pelos responsáveis do Museu do Kremlin como “um motivo de muito orgulho”. ■

**Os Czares e o Oriente**

**Ofertas da Turquia e do Irão ao Kremlin de Moscovo**

Curadoria: Inna Vishnevskaya, Olga Melnikova, Elena Yablonskaya

Até 18 maio

**MUSEU GULBENKIAN – SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**



# Ciclo Novos Poderes

## Da teoria da dependência ao direito de fuga

**A** próxima sessão do ciclo de debates Novos Poderes, no dia 26 de abril, vai discutir a circulação mundial das mercadorias e das pessoas, “evitando a ilusão de um mundo plano, que marcou os elogios à globalização no início do século XXI, e os perigos de um fechamento nacionalista, de que o século XX foi testemunha”. Os organizadores deste encontro afirmam que a recente crise mundial relançou o debate sobre a natureza e a escala da organização política e económica das comunidades, em que se colocam questões relacionadas com a mobilidade, a territorialidade e a identidade das pessoas. Para discutir o tema estarão no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian o sociólogo Sandro Mezzadra, professor na Universidade de Bolonha e na Universidade de Western Sydney, e o economista Nuno Teles, doutorado pela School of Oriental and African Studies (SOAS), da Universidade de Londres. As intervenções de ambos serão comentadas pelo antropólogo José Mapril.

Sandro Mezzadra tem trabalhado nos últimos anos em torno das relações entre globalização, migração e cidadania. Esteve envolvido na luta pelos direitos dos migrantes, em Génova, e é autor, entre outros trabalhos, dos livros *Direito de Fuga – Migrações, Cidadania e Globalização* (Edições Unipop, 2012) e, com Brett Neilson, *Border as Method, or the Multiplication of Labor* (Duke University Press, 2013).

Nuno Teles é investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e o seu trabalho é centrado na

área da financeirização das economias e do desenvolvimento. É membro do grupo Research on Money and Finance, sediado na SOAS (School of Oriental and African Studies), e um dos autores do livro *Eurozone in Crisis* (Verso, 2011). Escreve também regularmente no blogue Ladrões de Bicicletas.

Discutir experiências históricas e atuais que contribuam para a inventariação de diferentes tipos de relações de poder é o objetivo do ciclo de encontros Novos Poderes, coorganizado pelo Próximo Futuro e a associação cultural Unipop. O programa deste ciclo atravessa os domínios da arte e da cultura, mas também da política e da economia, convocando acontecimentos políticos, movimentos estéticos e debates teóricos. ■

[www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio](http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio)

### Novos Poderes

Observatório de África, América Latina e Caraíbas

#### 26 abril

DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA AO DIREITO DE FUGA  
A Circulação das Mercadorias e das Pessoas no Mundo

#### 24 maio

A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO E O CUIDADO DE SI  
Emancipação, Perspetivismo Ameríndio e Pós-Colonialismo



The Gurdjieff Folk Instruments Ensemble

## Música para despertar a consciência

**G**eorge I. Gurdjieff, místico arménio e uma das figuras espirituais mais marcantes do século XX, foi também um incansável viajante, tendo percorrido vastas regiões através do Cáucaso, Médio Oriente, Índia e Norte de África que lhe inspiraram um vasto conjunto de composições baseadas nos folclores e rituais das tradições locais.

O contacto com esse rico e diversificado universo musical, que incluía ainda o repertório tradicional de danças sagradas, sugeriu a Gurdjieff melodias que foram transcritas para piano na década de 1920 pelo compositor e pianista russo Thomas de Hartmann, também seu discípulo.

A música e a dança ocupam um papel fundamental no pensamento de Gurdjieff, que considerava que os homens viviam adormecidos, presos a automatismos adquiridos e perfeitamente incapazes de experimentar o mundo para além da sua realidade superficial e ilusória. Gurdjieff acreditava no poder do movimento para despertar os homens e para os conduzir a estados superiores de consciência, quer através da vibração produzida pela música, quer através da dança.

Criado em 2008, o **Gurdjieff Folk Instruments Ensemble** dedica-se a explorar o repertório deixado pelo mestre, constituído por cerca de 300 peças registadas em versão de piano, dando-lhes nova vida através da utilização de instrumentos

orientais capazes de produzir intervalos microtonais, ritmos e outras nuances próprias das tradições musicais do Oriente. Através de um rigoroso estudo dos instrumentos e da tradição musical de cada região, o fundador do Gurdjieff Folk Instruments Ensemble, Levon Eskenian, seleccionou e compôs arranjos para as peças do mestre com raízes na música tradicional e espiritual arménia, grega, árabe, curda e ainda da Assíria e da Caucásia. Este grupo sobe ao palco do Grande Auditório no **dia 23 de abril, às 21h**

Integrado também no ciclo Músicas do Mundo, o **Trio Joubran**, constituído pelos irmãos jordanos Samir, Wissam e Adnan, especialistas em alaúde, atua no **dia 9 de abril, às 21h**. Presença habitual nos palcos dos maiores festivais de *world music*, estes intérpretes descendem de uma família jordana que se notabilizou na fabricação artesanal de alaúdes há quatro gerações. Neste concerto apresentam o espetáculo *AsFar*, o seu quinto álbum, lançado em 2011. ■

### Trio Joubran | AsFar

Grande Auditório Gulbenkian, 9 de abril, 21h

### The Gurdjieff Folk Instruments Ensemble

Grande Auditório Gulbenkian, 23 de abril, 21h.



Solenn Lavanant-Linke, Emoke Barath, Christopher Lowrey e Mariana Flores, numa produção de *Elena* em Aix-en-Provence, 2013

## Elena: o regresso de uma ópera esquecida

Recentemente nomeada para os Opera Awards na categoria de Redescobertas, a ópera *Elena* de **Francesco Cavalli** foi uma das obras apresentadas na última edição do Festival de Aix-en-Provence produzidas no seio da Rede Europeia de Academias de Ópera (ENOA), que a Fundação Gulbenkian integra desde 2011.

Estreada em Veneza em 1659, este *dramma per musica* em um prólogo e três atos, com libreto de Giovanni Faustini e Niccolò Minato, esteve mais de três séculos remetido ao silêncio, apesar do sucesso que conheceu na sua primeira apresentação.

Saudada pela crítica como uma preciosa obra-prima na sua estreia moderna, ocorrida em julho passado, a ópera tem como personagem principal Helena de Troia e foi recuperada pelo maestro argentino Leonardo Garcia Alarcón, um especialista em música barroca que tem vindo também a especializar-se em dar vida a obras esquecidas.

Alarcón conduzirá a Orquestra Mediterranea, que fundou, com a colaboração de atuais e antigos solistas da Academia Europeia de Música, entre os quais os cantores portugueses Job Tomé e Fernando Guimarães.

A outra ópera criada no âmbito da Rede Europeia de Academias de Ópera e estreada na última edição do



*Elena* no festival de Aix-en-Provence, 2013

Festival de Aix-en-Provence, com grande sucesso, foi *The House Taken Over*, do compositor Vasco Mendonça, apresentada em fevereiro passado no ciclo Teatro/Música da Gulbenkian Música. ■

*Elena*, de Francesco Cavalli  
Grande Auditório Gulbenkian, 29 abril, 19h.



## A exposição em catálogo

**O** Kremlin, sede da atual Presidência russa, foi durante muitos séculos casa de príncipes e czares, um lugar hoje considerado sagrado pela nação russa e onde se concentra grande parte dos tesouros da antiguidade. A diretora-geral dos Museus do Kremlin descreve o seu acervo, no prefácio deste catálogo, dizendo-o “incomparável pela sua antiguidade, importância histórica e valor artístico”, numa coleção que remonta ao século XIV. Elena Gagarina conta que, no complexo museológico que alberga os tesouros reais, o núcleo da Armaria é um dos mais especiais, pois “era aqui que se guardava o luxuoso armamento do czar e da sua família, e era aqui que chegavam as ofertas dos governantes estrangeiros, a par das peças trazidas pelos diplomatas e comerciantes dos países do Ocidente e do Oriente”. Parte desta coleção está agora exposta no Museu Gulbenkian.

A coleção oriental inclui armas cerimoniais, arreios de cavalo, peças de ouro e pedras preciosas, bem como todo o género de tecidos luxuosos, oferecidos pelos xás iranianos e pelos sultões turcos e que chegaram à Rússia nos séculos XVI-XVII. Inna Vishnevskaya, uma das conservadoras da coleção, traça o perfil dos objetos e a rota que fizeram até chegar ao Tesouro Real. O texto de introdução do catálogo descreve os objetos presentes na exposição, mas também a sua história e a simbologia das ofertas.

Ilustrado com as peças que podem ser vistas até ao dia 18 de maio na Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian, o catálogo divide-se em quatro capítulos – Horda de Ouro, Ofertas do Irão, Ofertas da Turquia, Rússia – que complementam e enquadram a exposição. Pela primeira vez mostradas na Europa, fora dos muros do Kremlin, estas peças mostram a opulência e o gosto de um mundo diferente, onde as ofertas aos czares eram sinónimo da existência de relações pacíficas entre Estados e povos. ■

### Outras Edições

#### A INSPECÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL

##### Na vigência do Estado Novo

A. Henriques Carneiro, Serafim Amaro Afonso

#### OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS (8ª edição)

G.S. Kirk, J.E. Raven, M. Schofield

#### ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO (5ª edição)

##### Vol. I e II

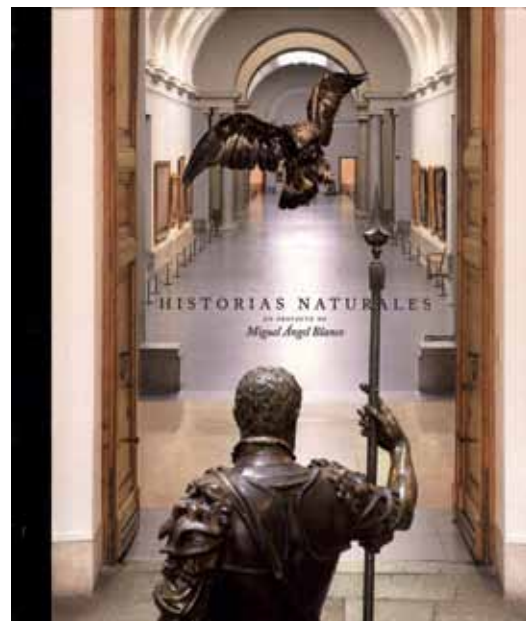
John Locke



# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

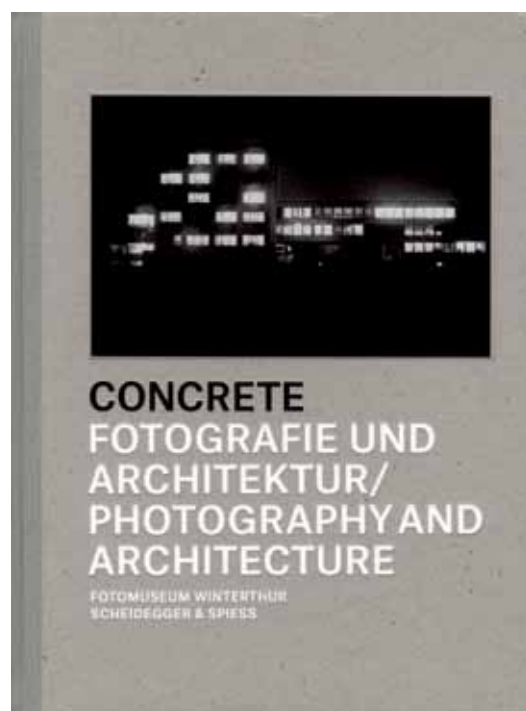
**O** Museo del Prado (Madrid) mostra, até ao dia 28 de abril, uma exposição que revela um pouco dos primórdios da sua história, que remonta a 1785 e à encomenda do rei Carlos III ao arquiteto Juan de Villanueva do desenho de um edifício destinado a albergar o Gabinete de História Natural e Academia de Ciências. Intitulada *Historias naturales*, esta exposição concretiza um projeto, apresentado pelo artista Miguel Ángel Blanco (n. 1958), de colocar em diversas salas do Museo del Prado um conjunto de 150 peças, na sua maioria pertencentes às coleções do Museo Nacional de Ciencias Naturales-CSIC, junto de 25 obras de pintura e escultura onde, de algum modo, existe uma forma de representação de elementos naturais, numa união da Arte com a Natureza. São 22 instalações onde os visitantes são surpreendidos por peças tão inesperadas como esqueletos de animais mais ou menos exóticos, fósseis de plantas e insetos ou fragmentos de rochas e outros minerais.

O cuidado catálogo que foi editado para acompanhar esta exposição contém dois textos, um de Miguel Ángel Blanco e outro intitulado “De las cámaras de maravillas a los gabinetes ilustrados”, da autoria de Juan Ignacio de Sánchez Almazán, conservador da coleção de invertebrados do Museo Nacional de Ciencias Naturales; completam-no as fotografias quer das peças, quer da sua instalação nas salas do museu, acompanhadas por pequenos textos de Miguel Ángel Blanco, da planta de localização e das respetivas fichas de identificação. ■



**O** livro *Concrete: Fotografie und Architektur=Concrete: photography and architecture* foi publicado por ocasião de uma das exposições com que, em 2013, o Fotomuseum Winterthur (Zurique) celebrou os seus 20 anos de existência. Vencedor do The DAM Architectural Book Award 2013 – prémio atribuído pelo Deutsches Architekturmuseum (Frankfurt am Main) –, este livro é mais do que um mero catálogo de exposição, de cuja existência, organização e consulta os catálogos são, frequentemente, dependentes.

Trata-se de um magnífico livro, com centenas de fotografias (p&b e cor), cuidadosamente impressas, que vão desde fotografias do século XIX de sítios arqueológicos, cenas de rua e ruínas, até fotografias deste século XXI de subúrbios, interiores de edifícios abandonados e fragmentos de paisagens urbanas, apresentadas de forma não cronológica, mas sob categorias temáticas, como *stone/steel/glass* (pedra/aço/vidro) e *construction/decay/destruction* (construção/decadência/destruição), de autores tão diferentes como Sigfried Gideon, David Goldblatt, Stanley Kubrick, Sol LeWitt, Thomas Ruff, Paul Strand e Henry Fox Talbot. Contém ainda nove pequenos ensaios onde os autores – críticos, jornalistas, historiadores de arte, fotógrafos, curadores – Jochen Becker, Johannes Binotto, Verena Huber Nievergelt, Michael Jacob, Nicoletta Leonardi, Lorenzo Rocha, Caspar Schärer, Aweek Sen e Urs Stahel analisam a relação entre fotografia e arquitetura, e ainda uma conversa entre a arquiteta Annette Gigon e o fotógrafo e cineasta Armin Linke. ■

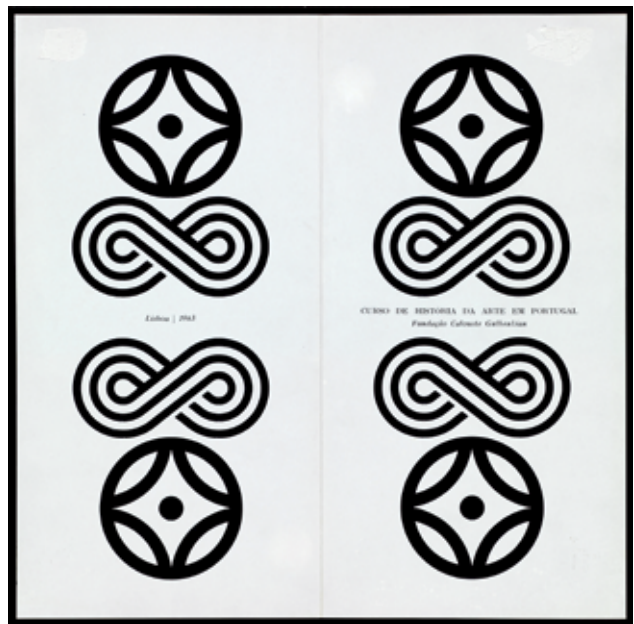


## Biblioteca de Arte

# Coleção Sebastião Rodrigues

“Gato. Esguio e discreto como um gato de segredos. Sensível, avisadíssimo, criatura de gestos sóbrios, olhar rápido. Uma inteligência felina (pode dizer-se?) e um humor muito privado, quase escondido. Enfim, um gato.” Era assim, também como um gato, que o escritor José Cardoso Pires se lembrava carinhosamente do amigo Sebastião Rodrigues (1929-1997), companheiro de conversas e de projetos editoriais. Este e outros depoimentos feitos igualmente de lembranças de outros amigos e companheiros de ofício como António Sena da Silva, Robin Fior, José Brandão, Francisco Avillez e Henrique Cayatte, foram recolhidos por ocasião da exposição dedicada a Sebastião Rodrigues em 1995, no catálogo que dela resultou e que continua a permitir recordar o homem e (re)descobrir a sua obra. Organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), para além de homenagear um dos mais prolíficos e originais *designers* gráficos da sua geração, esta exposição de certo modo foi igualmente uma forma de agradecer a Sebastião Rodrigues “a fundamental contribuição que deu, sobretudo no início, para a criação da imagem gráfica da Fundação e dos seus serviços, modelador que foi de um lado essencial da própria Instituição com aqueles que serve”, como o então administrador Pedro Tamen escreveu na introdução do catálogo.

Depois da sua iniciação na tipografia do jornal *A Voz*, o jovem Sebastião Rodrigues transitou, em 1945, para a Agência de Publicidade Artística (APA), onde realizou a sua aprendizagem nas artes do desenho e da composição gráfica e conheceu Manuel Rodrigues, estabelecendo uma duradora e frutuosa relação de amizade e trabalho. Durante a década de 1950, Sebastião desenvolveu projetos para o Secretariado



Nacional de Informação (SNI), que incluíram montras, cartazes, folhetos, catálogos e a participação nas representações nacionais em exposições em São Paulo (1954-55), Roma (1956), Lausanne (1957) e Bruxelas (1958), convivendo com Bernardo Marques, Carlos Botelho, Eduardo Anahory, Fred Kradolfer, entre outros. A par com estes trabalhos, Sebastião Rodrigues iniciou uma intensa e proveitosa colaboração com o meio editorial e literário que se traduziu não só no desenho de livros – onde a influência de Victor Palla foi uma inspiração, “tanto no aspeto formal, como na própria mensagem e grafismo”, como mais tarde revelou –, mas também



no desenho da revista *Almanaque* (1959-61), projeto do editor Figueiredo de Magalhães e de José Cardoso Pires e onde colaboraram personalidades como João Abel Manta, Alexandre O’Neil, António Garcia e Sena da Silva.

A ligação de Sebastião Rodrigues com a FCG começou em 1957, com a sua participação na I Exposição de Artes Plásticas, e prolongou-se até aos anos de 1980. Durante este período, uma parte importante da sua criação gráfica consistiu num conjunto de materiais para divulgar as atividades nas áreas de atuação cultural e educativa da Fundação. Entre eles, contam-se os cartazes e programas criados para os Festivais Gulbenkian de Música, a série de cartazes sobre a coleção de arte do Museu Gulbenkian, assim como os seus primeiros catálogos, como o da coleção de moedas gregas e a dos tapetes orientais. Este corpo de trabalho é, talvez, aquele onde é possível encontrar os melhores exemplos do rigor e da genialidade da linguagem visual de Sebastião Rodrigues – “*designer* e alquimista de sinais visíveis”, como Sena da Silva lhe chamou –, feita de fontes e influências tão diversas como formas da arte popular portuguesa e doutras latitudes geográficas, fragmentos de formas e cores, recolhidos em viagens que fez, mesmo odiando viajar, conjugados com ornamentos tipográficos e fotografia.

A Coleção Sebastião Rodrigues que a Biblioteca de Arte possui no seu acervo é constituída por um conjunto de documentos que serviu de apoio à elaboração da exposição e do catálogo de 1995, e encontra-se organizada em oito núcleos temáticos; todos os documentos foram digitalizados e encontram-se disponíveis para consulta na rede interna da Biblioteca de Arte. ■ **Ana Barata**



TÍTULO/ RESP Coleção Sebastião Rodrigues [ Material gráfico ] / Sebastião Rodrigues

PRODUÇÃO 1950-1988

DESCR. FÍSICA 184 projectos gráficos (519 documentos); color, p&b ; várias dimensões

CONTÉM Almanaque / Museu Nacional de Arte Antiga / Mosteiro da Batalha / Primeiras obras / Outros Clientes / Fundação Calouste Gulbenkian / Editoras / Sebastião Rodrigues 1961-1964 / Das fontes ao trabalho impresso

PROVENIÊNCIA Coleção doada à Fundação Calouste Gulbenkian em 1995

COTA(S) SR 1-SR 8 ; E-SR 1-E-SR 8



**fcgulbenkian** ·

Fundação Gulbenkian <http://www.gulbenkian.pt>

Follow

235 posts

941 followers

14 following

March 2014



February 2014



siganos  
@fcgulbenkian

Instagram

#gulbenkian